

## **Educação Física e Cultura**

*Jocimar Daolio*

*Faculdade de Educação Física UNICAMP*

*(jocimar@fef.unicamp.br)*

Historicamente a Educação Física brasileira ficou refém de uma visão que a associava à aptidão física, como se a atividade física praticada no tempo de aula fosse suficiente para um bem estar físico ou se constituísse no conhecimento específico da área. Havia respaldo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 (Lei N. 5692), na produção acadêmica da época e nos cursos de graduação, que sugeriam uma visão de Educação Física como atividade.

A partir da década de 1980 houve uma “revolução” na área devido à contribuição de estudiosos que se reportaram a autores das Ciências Humanas e Sociais, dentre eles, autores da psicologia, autores oriundos do marxismo, da filosofia, da Antropologia e Sociologia, da Educação etc. Além disso, o contexto político de redemocratização, após anos de ditadura militar, favoreceu sobremaneira esse aporte das ciências humanas e sociais. Enfim, como se diz, a Educação Física se “humanizou”.

### **O conceito de Cultura**

É nesse momento que o conceito de cultura vem à tona e surge como a principal categoria para se pensar a Educação Física até hoje. Não importa neste momento discutir a filiação teórica desse conceito e como os autores brasileiros da Educação Física se apropriaram desse conceito e como construíram as expressões “cultura física”, “cultura corporal”, “cultura de movimento”, “cultura do movimento”, “cultura corporal de movimento”.

Tenho alertado que o uso do termo “Cultura” na Educação e na Educação Física tem sido recorrente e, como modismo, embute compreensões absolutamente equivocadas. Por vezes Cultura é tratada de forma muito rasa e superficial, não explicitando nada. Por vezes Cultura é tratada como qualidade ou quantidade de alguma coisa, ou como sinônimo de arte, ou de forma preconceituosa, ou apenas como produção material. Ainda é veiculada uma idéia de Cultura como um efeito, um verniz, uma maquiagem sobre práticas absolutamente iguais ao que sempre foi feito.

De fato, falar ou pressupor a dimensão cultural não garante nem unidade de pensamento e ações nem proposta de intervenção progressista.

Tenho discutido o conceito de Cultura a partir da Antropologia Social, principalmente a partir de Clifford Geertz, antropólogo americano que viveu entre 1926 e 2006. Para se compreender a questão cultural é necessário compreender a questão do significado cultural, que dá sentido às ações humanas tão diversas. Segundo Geertz, a cultura é pública porque o significado é público, é constituído nas relações sociais cotidianamente. Estamos sempre utilizando significados públicos, criando novos significados, transformando significados. Vivemos num mundo de significados. O conceito de Cultura de Geertz é, portanto, eminentemente simbólico.

O autor define cultura como um processo pelo qual os seres humanos orientam e dão sentido às suas ações, por meio de uma manipulação simbólica, criando o que ele chamou de *“teia de significados”*. O autor critica a concepção estratigráfica de cultura, para a qual a dimensão cultural é reconhecida, porém superposta a outras dimensões (biológica, psicológica, social) como um manto, um complemento, mas o núcleo do ser humano ainda é biológico. Se essa visão organiza e garante a especificidade de cada matriz disciplinar, ela naturaliza e secundariza a dimensão cultural à dimensão biológica. Boa parte de produção em Educação Física está refém da concepção estratigráfica.

Em contraposição à concepção estratigráfica, Geertz propõe a concepção sintética de cultura, para a qual os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais são reconhecidos no ser humano, porém são vistos como variáveis em sistemas unitários de análise. Há visão de totalidade, buscando relações entre os vários aspectos do ser humano e entre as várias disciplinas científicas.

## **O conceito de Cultura e a Educação Formal**

Pensar em Escola e em Educação implica necessariamente considerar a Cultura, porque a educação escolarizada pressupõe a preservação, transformação e transmissão da cultura acumulada pelos seres humanos ao longo de sua história. Antonio Novoa (1994) afirma que a escola é essencialmente um *“lugar de cultura”*.

Forquin (1993) afirma que a *“cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela”*. Afirma também que *“educação e cultura aparecem com duas faces, rigorosamente recíprocas e complementares de uma mesma realidade: uma não pode ser pensada sem a outra”*.

De fato, não tem sentido pensar numa escolarização e numa educação formal para seres não humanos. A Escola só tem sentido no plano da cultura e o mundo da cultura é humano, porque só os humanos fazer história, dão significado à sua existência, acumulam e sistematizam conhecimentos.

Ora, se a Escola trabalha com a Cultura e se a Educação Física é uma disciplina escolar, logo a Educação Física também deve trabalhar com a cultura, especificamente com a parte dela relacionada às questões corporais, da mesma forma como fazem as outras disciplinas escolares. Atuar com ou sobre o corpo implica atuar na sociedade que dá sentido a esse corpo, implicar atuar na dinâmica cultura, fazer história.

A partir disso tudo, podemos dizer que a Educação Física Escolar não atua sobre o corpo, o movimento, com o esporte, o jogo, a dança em si. Ela atua com a parte da cultura relacionada às questões corporais. É nesse sentido que chegamos ao conceito de Cultura Corporal, ou Cultura de Movimento, ou Cultura Corporal de Movimento. É nesse sentido que se fala em Cultura Esportiva ao invés de Esporte, Cultura Lúdica ao invés de Jogo, Cultura Gímica etc.

Não se trata apenas de modificar as palavras e expressões, mas de fincar a raiz da área no plano da cultura. Isso porque pensamos que a Educação Física é uma área de intervenção pedagógica e, como tal, deve atuar e se conectar com o mundo da cultura, vinculando-se à dinâmica cultural e fazendo sentido para os alunos

Por exemplo, a Educação Física não trabalha com a Ginástica apenas porque esta prática faz bem ao corpo ensinando os aspectos práticos de realização dos exercícios, mas porque é um fenômeno histórico com implicações relevantes para a saúde dos seres humanos até hoje. Ou, a Educação Física não trabalha com o futebol apenas porque esta prática estimula as fases do desenvolvimento motor, ensinando suas técnicas, táticas e regras, mas porque é um fenômeno sociocultural importante no país e que merece ser melhor conhecido (no sentido amplo do termo) pelos alunos.

Dessa forma, A Educação Física se preocupa com as formas simbólicas de linguagem e comunicação humanas. Trata de um conhecimento que não se restringe apenas à dimensão vivencial, mas às suas relações com o mundo dos alunos.

De acordo com Valter Bracht (1999), a Educação Física (e também a Educação Artística) caracteriza-se por ser uma área com um duplo caráter: tratar de um saber fazer (um realizar corporal) e tratar de um saber sobre esse realizar corporal.

Defendo, como já afirmei, que a Cultura é o principal conceito e a principal categoria para a Educação Física Escolar, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural e a Escola deve tratar desse dinâmica cultural.

Essa visão de Educação Física e de Escola, centrada na Cultura, amplia a área porque a considera como uma prática não somente física, mas eminentemente cultural; considera os conteúdos da Educação Física Escolar como construções culturais. Fazendo isso, gera mais possibilidades de interlocuções interdisciplinares; amplia-se a noção de corpo e movimento; amplia-se a noção de “técnica” (de esporte, ginástica) para a dimensão simbólica e não somente mecânica.

### **A questão da Diversidade**

A questão da Diversidade na Educação Física pode ser vista sob dois enfoques. O primeiro refere-se ao fato da necessidade de um programa de Educação Física escolar ampliar seus conteúdos. Os alunos só querem jogar futebol por vários motivos (influência da mídia, tradição do país, experiências anteriores etc.) mas também porque não conhecem outros conteúdos e temas. Não aprenderam outras modalidades esportivas e outros conteúdos da cultura de movimento. Para fazer a mesma coisa que os alunos já conhecem, para que aula? Para que escola?

A questão da Diversidade pode e deve também ser visto sob o prisma da consideração das diferenças como condição do processo escolar. Lidar com a Educação implica lidar com os diferentes alunos, cujas identidades são constituídas por diferenças de gênero, etnia, habilidades, interesses, opções sexuais, experiências, crenças religiosas, motivações etc.

A Escola (e a sociedade) pensou e pensa a diferença como sinônimo de desigualdade, como o contrário da igualdade. Assim, para se evitar a des-igualdade acabou por anular as diferenças. Isso possui raízes históricas: os negros foram considerados desiguais aos brancos; as mulheres foram consideradas desiguais aos homens etc. Para se alcançar a igualdade, se postulou o fim das diferenças.

Uma coisa é a igualdade de oportunidades, de direitos, cidadania, de liberdade. Outra coisa é a garantia das identidades diferentes, das diferenças de língua, de sotaque, de habilidade, de tempo, de ritmo para executar determinada tarefa.

Por outro lado, igualdade não significa todos fazerem a mesma coisa da mesma forma. Isso é uniformidade. Igualdade quer dizer, sendo diferentes e respeitando-se as diferenças, fazermos juntos, produzirmos coletivamente.

A Escola sonha com a igualdade e a homogeneidade, com a pasteurização dos alunos, por meio de mecanismos de controle, por meio de filas, com ações que visam a padronização de comportamentos dos alunos. Muitas vezes a escola considera a diversidade, porém de uma forma estanque, por meio de comemoração de datas (dia do índio, dia da diversidade sexual etc.). O importante é se perguntar como que as relações com as diferenças ocorrem no dia-a-dia escolar, dentro das salas e quadras de aula, nas relações professor-alunos e entre os alunos.

A proposta é considerar a Alteridade, vista como um processo não só para considerar as diferenças, mas para tensionar essas diferenças, como um espaço permanente de enfrentamento denso, tenso e intenso e também como espaço de complementariedade. Um grupo de diferentes, no qual as diferenças possam se manifestar é mais rico e criativo, porque contém mais possibilidades no seu interior.

*“A alteridade revela-se no fato de que o que eu sou e o outro é não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso” (GUSMÃO, N.M.M.de. Diversidade, cultura e educação. São Paulo, Biruta, 2003).*

*“Como conviver com as diferenças e estabelecer relações solidárias e de equidade entre sujeitos diferentes? Esses são os desafios permanentes da educação e da escola” (GUSMÃO, 2003).*

### **A dimensão cultural nos currículos em Educação Física**

Temos observado nos últimos anos que a dimensão cultural, ou uma visão das Ciências Humanas, tem feito parte dos currículos em Educação Física, sobretudo nos cursos de licenciatura. Se isso é um avanço, uma vez que nem sempre foi assim, há que se ter cuidados com a forma como esse aporte das ciências humanas chega na Educação Física.

Em relação à dimensão cultural e ao conceito de Cultura, há várias reduções ou equívocos, como afirmei anteriormente, que podem atrapalhar essa discussão. O conceito de Cultura pode ser também motivos para discriminações e preconceitos se houver compreensão de que alguns possuem mais cultura do que outros.

Penso ser importante nos currículos a compreensão de que o ser humano é um ser de cultura, imerso numa dinâmica cultural e produtor constante de cultura. Assim a visão que o professor terá do aluno será ampliada. Deixará de ser uma visão de um aluno ignorante, sem cultura, que faz e pensa coisas erradas e será uma visão de um aluno culturalmente determinado, inserido num certo contexto que dá sentido para seus comportamentos e atitudes.

A partir dessa visão a aula terá que considerar o que o aluno já sabe, seus conhecimentos locais, procurando compreender os seus significados, a fim de cotejá-los com os conhecimentos sistematizados oriundos das várias disciplinas escolares. Um exemplo no caso da Educação Física é o ensino da parada de mãos da Ginástica Artística a partir da consideração de que os alunos sabem “plantar bananeira”.

Num currículo de um curso de graduação em Educação Física o ideal seria maior integração entre as disciplinas. Por vezes, pode-se encontrar um currículo que possui algumas disciplinas voltadas às ciências humanas e sociais, porém isoladas no currículo ou sem manter diálogo com outras disciplinas. O importante seria a dimensão cultural ser um pressuposto do currículo, uma vez que o futuro professor de Educação Física, atuando em qualquer campo de trabalho, trabalhará com o aluno em movimento, praticando um esporte, jogando, dançando, lutando e não com um organismo biofísico, um conjunto de ossos e músculos. Nesse sentido, todos os graduandos necessitam de um conhecimento mais aprofundado sobre a dimensão sociocultural do ser humano.

### **Bibliografia**

- BRACHT, Valter. Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí, Unijuí, 1999.
- DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas, Papirus, 1995.
- DAOLIO, Jocimar. Educação física e o conceito de cultura. Campinas, Autores Associados, 2004.
- FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- GUSMÃO, Neusa M. M. de. (Org.) Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo, Biruta, 2003.
- NÓVOA, Antonio (1994). *História da Educação*. Provas de agregação não publicadas. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1994.